



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA  
CURSO DE BACHARELADO EM PSICOLOGIA**

**GUSTAVO ALBUQUERQUE DIAS**

**MEDICALIZAÇÃO DA VIDA: UMA ANÁLISE DE DISCURSO DA OBRA  
“ADMIRÁVEL MUNDO NOVO”**

**CAMPINA GRANDE  
2022**

GUSTAVO ALBUQUERQUE DIAS

**MEDICALIZAÇÃO DA VIDA: UMA ANÁLISE DE DISCURSO DA OBRA  
“ADMIRÁVEL MUNDO NOVO”**

Trabalho de Conclusão do Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

**Área de concentração:** Psicologia Social

**Orientadora:** Prof<sup>ª</sup>. Ma. Pamela de Sousa Gonzaga

**CAMPINA GRANDE  
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

D541m Dias, Gustavo Albuquerque.  
Medicalização da vida [manuscrito] : uma análise de discurso da obra "admirável mundo novo" / Gustavo Albuquerque Dias. - 2022.  
21 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2022.

"Orientação : Profa. Ma. Pamela de Sousa Gonzaga, Departamento de Psicologia - CCBS."

1. Saúde mental. 2. Medicalização. 3. Qualidade de vida. I.  
Título

21. ed. CDD 615.1

GUSTAVO ALBUQUERQUE DIAS

MEDICALIZAÇÃO DA VIDA: UMA ANÁLISE DE DISCURSO DA  
OBRA “ADMIRÁVEL MUNDO NOVO”

Trabalho de Conclusão do Curso (Artigo) apresentado  
ao Departamento do Curso de Psicologia da  
Universidade Estadual da Paraíba como requisito parcial  
à obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

**Área de concentração:** Psicologia Social

Aprovada em: 04/08/2022.

**BANCA  
EXAMINADORA**



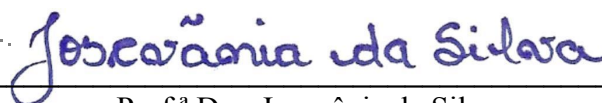
---

Prof.<sup>a</sup> Ma. Pamela de Sousa Gonzaga (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Prof.<sup>o</sup> Me. Edivan Gonçalves da Silva Júnior  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Josevânia da Silva  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico este trabalho à minha família.

É só quando esquecemos  
todos os nossos  
conhecimentos que  
começamos a saber  
Clarice Lispector, 1968

## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>1 INTRODUÇÃO .....</b>   | <b>8</b>  |
| <b>2 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A ANÁLISE DE DISCURSO.....</b>  | <b>9</b>  |
| <b>3 SOBRE A MEDICALIZAÇÃO .....</b>  | <b>9</b>  |
| <b>4 SOBRE O LIVRO .....</b>  | <b>10</b> |
| <b>5 METODOLOGIA.....</b>   | <b>12</b> |
| <b>6 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....</b>  | <b>12</b> |
| <b>6.1 Uso do medicamento como forma de cessar e calar o sofrimento.....</b>                              | <b>13</b> |
| <b>6.2 Concepções sobre saúde e doença .....</b>  | <b>14</b> |
| <b>6.3 Problema de ordem social postos sob o domínio da medicalização (o campo da<br/>medicina) .....</b> | <b>16</b> |
| <b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>  | <b>18</b> |
| <b>REFERÊNCIAS</b>  |           |

## RESUMO

O fenômeno da medicalização da vida tem se tornado cada vez mais alvo de debates na contemporaneidade. Recorremos em diversas situações e momentos da vida a um médico, psiquiatra ou psicólogo, quando se está doente, mas sobretudo, a procura por esses profissionais também ocorre com o intuito de querer estar bem ou ficar ainda melhor. Desta forma, pretende-se aqui, discutir este fenômeno a partir do livro 'Admirável Mundo Novo', de Aldous Huxley, publicado em 1932. Este trabalho objetiva analisar o papel que a medicalização exerce na vida cotidiana dos sujeitos inseridos na narrativa, a partir das reflexões produzidas no ato de consumir medicamentos e exercer práticas médicas, observando qual o lugar que ocupam a partir do seu uso e incorporação. Para isso, utiliza-se como perspectiva teórico-metodológica a Análise de Discurso de abordagem francesa, que considera contribuições do materialismo histórico, da ideologia, da linguística, e da teoria do discurso. A partir destas análises, é possível notar que ao adotar seus posicionamentos, a maioria das personagens age em conformidade com a ideologia do corpo social, que possui valores e normas orientadas pelo princípio da comunidade, identidade e, principalmente, estabilidade. Vivem em sociedade a partir de um poder estatal que se coloca muito maior do que os indivíduos, sem que eles possuam nenhuma agência. Os medicamentos e as drogas, neste contexto, fazem parte de um arsenal para não lidar com o sofrimento ou o desconforto gerado pela vida, a partir de uma hiper patologização que reforça o controle social. Já os discursos em torno da saúde e da doença na narrativa, são elementos relevantes para a compreensão do que se entende como patológico e, conseqüentemente, passível de ser medicalizado, a partir de uma dualidade entre civilização e selvageria, onde este último seria marcado por um atraso ao qual o mundo civilizado já ultrapassou. Assim, o discurso de avanço da ciência coloca em questão o endosso da medicina em práticas que até então, não eram de seu domínio, dentre elas como se deve envelhecer, dormir, se divertir, e desejar. Ao explorar a medicalização e os posicionamentos dos personagens, percebe-se a necessidade de problematizar o fenômeno para que seja possível estabelecer novas compreensões acerca da saúde e da doença, assim como repensar práticas "desmedicalizantes".

Palavras-chave: Medicalização. Literatura. Saúde mental.

## ABSTRACT

The phenomenon of medicalization of life has become increasingly the subject of debates in contemporary times. We turn to a doctor, psychiatrist or psychologist in different situations and moments of life, when we are sick, but above all, the search for these professionals also occurs with the intention of wanting to be well or to get even better. Thus, it is intended here to discuss this phenomenon from the book 'Brave New World', by Aldous Huxley, published in 1932. This work aims to analyze the role that medicalization plays in the daily life of subjects inserted in the narrative, from the reflections produced in the act of consuming medicines and exercising medical practices, observing what place they occupy from their use and incorporation. For this, the French Discourse Analysis is used as a theoretical-methodological perspective, which



considers contributions from historical materialism, ideology, linguistics, and discourse theory. From these analyses, it is possible to notice that when adopting their positions, most characters act in accordance with the ideology of the social body, which has values and norms guided by the principle of community, identity and, mainly, stability. They live in society based on a state power that is much greater than individuals, without them having any agency. Medicines and drugs, in this context, are part of an arsenal to not deal with the suffering or discomfort generated by life, from a hyper pathologization that reinforces social control. The discourses around health and illness in the narrative, on the other hand, are relevant elements for the understanding of what is understood as pathological and, consequently, liable to be medicalized, from a duality between civilization and savagery, where it would be marked by a delay which the civilized world has already overcome. Thus, the discourse of advancing science calls into question the endorsement of medicine in practices that until then were not its domain, including how to age, sleep, have fun, and desire. When exploring the medicalization and the positions of the characters, one perceives the need to problematize the phenomenon so that it is possible to establish new understandings about health and disease, as well as to rethink “demedicalizing” practices.

Keywords: Medicalization. Literature. Mental health.

## 1. INTRODUÇÃO

A forma como operam os conceitos de saúde e doença, normal e patológico sofreram diversas mudanças na virada de um século para outro. O surgimento dos antibióticos e a descoberta das vacinas mudaram o paradigma em saúde, quando as doenças infecciosas mais comuns deixaram de ser causas de morte. Ao pensar em saúde, frequentemente pensamos em ir ao médico quando existe alguma dor ou desordem física, ou até mesmo como uma forma de incorporar hábitos de rotina, é nesse sentido que o cotidiano passa a ser pensado a partir de elementos que representem o que é saudável e o que é patológico.

Passamos a pensar como pacientes, os veículos de mídia divulgam notícias de algum alimento considerado nocivo à saúde, o surgimento de uma nova doença (*Covid-19*), ou ainda, que os indicadores para determinar alguma enfermidade foram alterados, gerando medo e desamparo. Componentes inerentes à existência passam a adquirir novas formulações: a angústia, se transforma em transtorno de ansiedade, e a finitude, em transtorno com essa ou aquela designação científica. Tal processo passou a ser conhecido como medicalização da existência ou da vida cotidiana (FREITAS; AMARANTE, 2017).

Neste trabalho, buscamos investigar o fenômeno da medicalização da vida, enquanto um processo que vem adquirindo cada vez mais força e adesão por parte dos sujeitos na contemporaneidade. Sendo assim, investigamos o fenômeno a partir da análise do discurso (AD) da obra literária “Admirável Mundo Novo”, publicada em 1932 pelo escritor inglês Aldous Huxley. Para isso, utilizamos como perspectiva teórico-metodológica a abordagem francesa, que considera contribuições do materialismo histórico, da ideologia, da linguística, e da teoria do discurso.

Objetivamos, neste trabalho, analisar o papel que o fenômeno da medicalização exerce na vida cotidiana dos sujeitos inseridos na narrativa, e qual o lugar que os medicamentos e as práticas médicas ocupam a partir do seu uso e incorporação. Prescrever, medicar, ou cuidar por meio de medicamentos, são atos contemplados pelo processo de medicalizar, como também “exercer a prática médica”. Contudo, é um fenômeno que possui variados sentidos, entre eles abrir espaço para a patologização de experiências entendidas como desconfortáveis ou incômodas no contexto da saúde, para que estas sejam consideradas “medicalizáveis”.

A história do livro é retratada em Londres, numa sociedade marcada pelos avanços científicos e tecnológicos das ciências naturais, onde Ford, deixa o seu legado da produção em série adotada em todos os mecanismos sociais, do trabalho até o nascimento de indivíduos que são gerados e replicados igualmente. Em contrapartida, existe um mundo completamente oposto a esse, que ainda adota termos vistos como ultrapassados, sejam eles, mãe, pai e família, possuindo crenças religiosas e os seus habitantes vivendo em condições precárias. Para nossas análises, destacamos alguns personagens como Bernard, Lenina e John, que adotam diferentes posicionamentos no decorrer da narrativa, os dois primeiros pertencem ao mundo civilizado, e o último é descrito como o Selvagem.

A literatura, além de ser uma importante ferramenta para estabelecer uma compreensão da construção e descrição do mundo a partir do discurso, é também capaz de produzir efeitos de análise sobre as mudanças sociais e suas incidências e repercussões sobre o campo da subjetividade, da política e da ética. A referida obra pertence ao gênero da *distopia*, que nos fornece elementos para pensar criticamente a contemporaneidade, sobretudo com relação à segunda metade do século XX e início do século XXI (HILÁRIO, 2013). Assim, interessa-nos saber como essa ferramenta literária oferece recursos para pensar a medicalização na atualidade.

O trabalho se divide em seis tópicos, no primeiro abordamos alguns princípios e formas de realizar a análise de discurso, no segundo trazemos uma discussão sobre a medicalização, no terceiro um resumo da narrativa de “Admirável Mundo Novo”, no quarto a metodologia utilizada neste trabalho, no quinto os resultados e discussão e por fim, as considerações finais.

## 2. BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A ANÁLISE DE DISCURSO

A AD possui uma variada gama de abordagens e enfoques para se trabalhar com a linguagem, sendo estas inspiradas nas mais diversas áreas do conhecimento. Não existe apenas uma “análise do discurso”, no entanto, o que essas perspectivas partilham é uma rejeição da noção realista de que a linguagem é simplesmente um meio neutro de refletir, ou descrever o mundo (GILL, 2002). O contexto da AD é situado a partir de um movimento que se chamou de “virada linguística” por parte de alguns estudiosos, onde foi dada uma atenção especial à linguagem no campo das ciências sociais, de modo que houve uma crescente relevância desta, favorecendo uma nova concepção de “realidade”, a emergência de novos conceitos acerca da natureza do conhecimento, assim como da própria concepção de linguagem, o que consequentemente provocou a necessidade de desenhar novas formas de investigação (MÉLLO et al, 2007). Neste tópico, não pretendemos expor exaustivamente as diferentes formas de analisar o discurso, mas apresentar algumas possibilidades teóricas que se entrecruzam.

Tais abordagens da AD, se encontram numa perspectiva construcionista, que se opõe às posturas representacionistas da realidade, considerando a linguagem como forma de ação no mundo, e o discurso como uma prática ou uma “prática discursiva”, como propõe Foucault (1971/1996, 1969/2000). No campo da Psicologia, se destacam os estudos dos psicólogos sociais ingleses Potter e Wetherell, que, inspirados na Análise da Conversação, na Etnometodologia, na Semiologia e na Filosofia Analítica Inglesa, investigam as ações da organização retórica do discurso (POTTER; WETHERELL, 1987), e ao publicar o livro *‘Discourse and Social Psychology’*, propunham a Psicologia Social Discursiva, que vai se opor fortemente às perspectivas mais tradicionais na Psicologia Social, a partir da crítica às pesquisas de memória e atribuição, como representantes de perspectivas cognitivas e sócio-cognitivas (RASERA, 2013).

Outra abordagem, é a AD francesa, a qual optamos por utilizar neste trabalho, proposta por Michel Pêcheux, baseando-se nos estudos de Canguilhem e Althusser. Nela, o discurso é enxergado como objeto histórico-ideológico, e é produzido de maneira social através da língua como base material (BRASIL, 2014). A particularidade dessa perspectiva, é o entrelaçamento com outras áreas do conhecimento, a saber, o materialismo histórico, como uma teoria das formações sociais, à qual inclui-se então a ideologia; a linguística, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação; e por fim, a teoria do discurso, como determinação histórica dos processos semânticos, como afirma Brasil (2014).

Nas suas proposições sobre o discurso, Pêcheux se opõe à linguagem enquanto frase, pela sua suposta significação enquanto termo unicamente gramatical e estilístico e a entende a partir do elemento da exterioridade, que é a forma como o discurso se presentifica no social e se inscreve na história, estabelecendo-se como um objeto histórico-ideológico. Nessa perspectiva, os discursos podem ser diferenciados a partir das normas e instituições aos quais estão filiados, podendo ser classificados como científico, religioso e ecológico. Portanto, no modo que eles operam não há intuito de transmissão de informações tão somente, mas sim um processo de interlocução onde existem sujeitos se constituindo, são sujeitos e são sentidos afetados pela história no funcionamento da língua (gem) e não a língua como um estatuto multifuncional (PÊCHEUX, 1988).

## 3. SOBRE A MEDICALIZAÇÃO

Em um panorama histórico, os estudos sobre medicalização passaram a ser discutidos na literatura científica desde a segunda metade do século XX, sendo uma época bastante propícia para um maior destaque ao tema. Com o fim da Segunda Guerra Mundial, houve um grande impacto do que se convencionou a chamar de uma verdadeira revolução terapêutica: o

surgimento das terapias com antibióticos e hormônios, a descoberta de vacinas e, muito particularmente, a consagração triunfal da indústria farmacêutica (FREITAS; AMARANTE, 2017). A descoberta de novos medicamentos aparece de uma forma sedutora, com um grande apelo ao combate de doenças que até então não tinham cura, e os países passam a investir em sistemas nacionais de saúde, principalmente os que assumiram o Estado de bem-estar social (*welfare state*). De forma geral, Freitas e Amarante (2017) sinalizam esse contexto social e político como um aspecto importante que fez com que a medicina e as práticas discursivas sobre a saúde ganhassem uma evidência que até então não havia sido experimentada.

De uma forma simplista, medicalizar aponta para sentidos como prescrever, medicar, ou cuidar por meio de medicamentos, assim como “exercer a prática médica”. No entanto, se trata de um fenômeno polissêmico, caracterizando-se como o processo de transformar experiências consideradas indesejáveis ou perturbadoras em objetos da saúde, permitindo a transposição do que é originalmente da ordem do social, moral ou político para os domínios da ordem médica e práticas afins (FREITAS; AMARANTE, 2017). Sendo assim, levando em consideração a proposta do nosso trabalho, buscamos atentar para a forma como os diferentes atores sociais se posicionam frente ao imperativo da medicalização na modernidade, se existe a produção de discursos que reforçam ou resistem ao avanço desse fenômeno na sociedade, sejam eles a comunidade científica, a indústria farmacêutica ou as políticas públicas de saúde.

É importante destacar a relevância das proposições discursivas de Foucault à respeito do fenômeno da medicalização que, segundo ele, está inserida no dispositivo do biopoder contemporâneo, isto é, o poder não está mais presente somente nas instituições disciplinares, mas passa a ocupar o espaço das características biológicas, que entrarão numa estratégia de poder e numa estratégia política, por meio da configuração de um corpo-espécie (FOUCAULT, 1988).

Partindo desse pressuposto, Rabinow e Rose (2006 apud ZORZANELLI, CRUZ, 2018, p.726) ao tratarem do conceito de biopoder na atualidade, destacam a apresentação de um discurso de verdade sobre os sujeitos por uma autoridade considerada apropriada, a saber, a medicina. Sendo assim, a medicalização se exerce em nome de um discurso científico que produz intervenção sobre a sociedade e, conseqüentemente, processos de subjetivação. Os estudos foucaultianos ofereceram pistas na elaboração deste trabalho, à medida que serviram para questionar como o biopoder opera na narrativa literária, qual é o papel ocupado pelo saber médico/científico e como ele é reproduzido nas relações cotidianas.

#### **4. SOBRE O LIVRO**

A narrativa do progresso da ciência como forma de alcançar a ordem e o progresso humano, herança do positivismo, trouxe implicações nas formas de se pensar o mundo e as formas de existência. Em “Admirável Mundo Novo” (1932), é por meio dos avanços científicos da biologia, psicologia e fisiologia que um mundo ideal com o lema de comunidade, identidade e estabilidade se torna possível. O plano de fundo da história se passa em uma Londres fictícia, no ano 632 depois de Ford, que orienta as práticas científicas e sociais baseadas na produção em série. Os indivíduos não nascem, mas são concebidos a partir da decantação, replicados através do processo *Bokanovsky*, que constrói grupos de pessoas iguais, e cada um já é destinado para uma futura profissão ao nascer, com base na casta social a qual pertence.

Todas as funções do corpo social são previamente estabelecidas a partir do condicionamento, como uma forma de garantir a estabilidade social, para que cada um ame o que lhe seja designado a fazer. Bernard Marx, um dos protagonistas, Alfa-mais, trabalha como psicólogo e se diferencia dos “iguais”, existe um rumor de que foi colocado álcool no lugar do seu pseudossangue, o que fez com que ele tivesse uma baixa estatura comparada às outras pessoas de sua casta. Frequentemente ele percebe a diferença de tratamento das pessoas, quando

está circulando socialmente, o que provoca uma sensação de não-pertencimento. Bernard é interessado em Lenina, que trabalha no Centro de Incubação e Condicionamento, ela também se interessa por ele, mas possui outros parceiros, o que é socialmente incentivado, para que as pessoas pertençam a todas e não adotem instituições como o casamento e a família.

No decorrer da narrativa, eles passam a se relacionar e Bernard leva Lenina para uma viagem à Reserva dos Selvagens, é um lugar onde as pessoas não são civilizadas como em Londres, elas adoecem, se casam, envelhecem, vivem na pobreza e cultivam a religiosidade. Ao chegar na Reserva, os personagens se deparam com uma realidade que consideram assustadora e conhecem John e sua mãe, Linda. Ela se envolveu com Tomakin, diretor de incubação e condicionamento, relacionamento que resultou no nascimento de John. Ao visitar a Reserva, há muitos anos, ela caiu e feriu a cabeça, sendo abandonada por Tomakin, os caçadores locais a acharam e levaram para o seu povo. Lá eles vivem sob condições precárias, e ao John contar toda a sua história de vida à Bernard, ele tem a ideia de fazer um movimento nas instituições superiores para que possa levar os dois à Londres, sob o pretexto de realizar pesquisas científicas.

No entanto, Bernard também pensa como pode se beneficiar da situação, no prestígio social e na atenção que vai receber fazendo o intermédio do Selvagem com a sociedade civilizada. Ele consegue a autorização e leva Linda e John quando retorna. Ao chegarem, causam uma comoção geral e Linda encontra com Tomakin, que reage com horror ao vê-la, por estar sem dentes, gorda e com aspecto senil, John o chama de pai, e no Centro de Incubação e Condicionamento todos começam a rir da situação devido ao absurdo vivenciado. Linda passa a usar indiscriminadamente o *soma*<sup>1</sup>, dormindo o tempo todo, e John vira um evento ao qual todos querem ver e marcar horários nas suas agendas.

Contudo, John repudia e estranha fortemente as criações, as tecnologias e as facilidades do mundo civilizado, ele vai ao chamado Cinema Sensível com Lenina, que passa a nutrir sentimentos por ele, e detesta a experiência. Lenina espera dele que passem a se relacionar sexualmente, mas como ele não corresponde, ela o descreve como estranho. Com o passar da história, John se incomoda com a forma como as pessoas agem, pois fogem de qualquer sentimento, tomam *soma*, não podem ficar sozinhas e não exercem sua liberdade em nenhuma circunstância.

Em um determinado momento da narrativa, ele recebe uma ligação, que Linda havia sido hospitalizada em um Centro para Moribundos. Ao chegar lá, ela estava sedada, ainda consegue dizer seu nome, mas não o reconhece, por estar inebriada do *soma*. John, agitado, tenta balançá-la para que ela lhe reconheça, mas sem sucesso. Sai revoltado, e na frente do hospital passa a discutir com alguns trabalhadores que recebiam sua dose diária de *soma*, gritando “Jogue fora tudo isso, esse horrível veneno”, “Venho trazer-lhes a liberdade”, jogando fora todos os frascos que eles estavam recebendo, o que causou um motim em frente ao hospital, Bernard e Watson ao chegar, viram John digladiando com os policiais, que pulverizaram *soma* no ar, e interromperam a revolta, terminando com os três sendo detidos.

Foram parar na sala do administrador mundial, Mustafá Mond, que ao analisar a coragem do Selvagem, pôs se a perguntar sobre o fato dele não gostar do mundo civilizado, entrando em uma discussão com muitas discordâncias sobre o que cada um achava a respeito da arte, ciência, religião e como se configurava a falta de liberdade na sociedade. Bernard e Watson, não foram penalizados, mas transferidos para uma ilha na Islândia para que pudessem desenvolver suas ideias próprias e independentes na vida comunitária, John não foi autorizado a ir com eles, o administrador mundial decidiu que ele deveria ficar para continuar com as experiências científicas, porém, ele fugiu.

---

<sup>1</sup> Soma, na obra literária em questão, é uma droga ingerida como forma de conseguir a felicidade a partir das quantidades “exatas”, sendo ingerida em contextos em que há sofrimento ou desconforto, para dormir, ter relações sexuais e se entreter, sem que haja perda de produtividade no trabalho.

## 5. METODOLOGIA

A partir do objetivo proposto, optamos por realizar uma pesquisa qualitativa, a partir da análise do discurso. Segundo essa ferramenta de pesquisa, podemos trabalhar com documentos, sendo eles materiais escritos que podem ser considerados fontes de informação, como leis e regulamentos, normas, pareceres, cartas, memorandos, diários pessoais, autobiografias, jornais, revistas, discursos, roteiros de programas de rádio e televisão, e até, livros, estatísticas e arquivos escolares (KRIPKA et al, 2015). Buscamos analisar a obra literária *Admirável Mundo Novo*, do escritor britânico Aldous Huxley, publicado pela primeira vez em 1932, no Reino Unido, pela editora *Chatto & Windus*.

A perspectiva teórico-metodológica a ser empregada neste trabalho é embasada na Análise do Discurso (AD) de abordagem francesa, com aporte teórico nos pressupostos de Michel Pêcheux e Michel Foucault. A definição de *discurso* utilizada, de acordo com Foucault (1971/1996), compreende um “conjunto de enunciados, na medida em que se apoiam na mesma formação discursiva; para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência”, sendo assim, é um termo utilizado para nomear discursos sociais constituídos historicamente e que atravessam amplos períodos históricos, o discurso médico, o discurso psicológico etc.

Para essa análise, fizemos inicialmente a leitura e releitura do livro e, em um segundo momento, realizamos as marcações nos trechos da obra, que foram divididas em categorias, a partir dos objetivos do trabalho. Em uma terceira e última etapa, realizamos a análise dos trechos selecionados nas categorias. Para colocar em prática a AD de abordagem francesa, foi levado em consideração a interpretação de enunciados que vão além da análise linguística, pois assim como afirma Pêcheux (1988), o discurso estabelece-se como o efeito de sentidos entre locutores.

Partindo da compreensão da literatura enquanto uma ferramenta de construção do mundo, visto que, assim como qualquer outro tipo de texto, trata-se de um discurso, a escolha de uma obra literária para ser analisada, busca vislumbrar no emprego discursivo, uma prática social que constrói um mundo historicizado, com suas características e peculiaridades próprias, assim como o discurso no cotidiano exerce uma prática social sobre o mundo que é descrito e construído a partir deste, nesse sentido, a literatura compreende um modo próprio de materialização do discursivo (HENGE, 2015), de modo que, as aproximações entre a AD e a literatura, permitem que se observe a determinação histórica, logo, as condições de produção de escrita e leitura dos textos, como crucial para interpretação do literário como tal (HENGE, 2015).

## 6. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste tópico, tivemos como intuito identificar e analisar o discurso presente no livro, tomando como base a narrativa sobre a qual é construída uma sociedade fordista, que é marcada pelo avanço científico, bem como se dá a compreensão de saúde e doença no modo de viver do corpo social, relacionando com o conceito de medicalização. Optamos, então, por dividir as categorias da seguinte forma: *‘Uso do medicamento como forma de cessar e calar o sofrimento’*; *‘Concepções sobre saúde e doença’*; *‘Problemas de ordem social que são postos sob o domínio da medicalização’*. Com essa divisão, pretendemos expor de forma mais acessível os resultados obtidos, contudo, reconhecemos que as categorias se conectam entre si, estabelecendo relações de complementaridade.

### 6.1 Uso do medicamento como forma de cessar e calar o sofrimento

Como dito anteriormente, o personagem Bernard Marx, é frequentemente descrito por outros personagens como uma pessoa que possui reputação duvidosa, feio e de baixa estatura, com a intenção de desqualificá-lo, por ser “defeituoso”. Lenina, ao começar a se relacionar com ele, assim como os outros, também o posiciona como uma pessoa estranha, tanto fisicamente como nos seus modos de agir.

(...) — Lúgubre, Marx, lúgubre. — A palmada no ombro sobressaltou-o, fez com que erguesse os olhos. Era Henry Foster, aquele animal. — Você precisa é de um grama de soma. (...) — Tome — insistiu Henry Foster. — Tome. (p.77)

“ESTRANHO, ESTRANHO, estranho”, tal o juízo formado por Lenina acerca de Bernard Marx. Tão estranho, na verdade, que durante as semanas seguintes ela se perguntou mais de uma vez se não deveria mudar de ideia a respeito de suas férias no Novo México e dar preferência a ir ao Polo Norte com Benito Hoover. (p.113)

— Com um centímetro cúbico se curam dez sentimentos lúgubres — disse o Predestinador-Adjunto, citando um aforismo comum da sabedoria hipnopédica. (p.77)

Nos dois primeiros trechos acima, os discursos sobre saúde e doença são evocados pelos personagens como situados em um contexto que percebe Bernard como uma pessoa não-saudável, devido à sua aparência física, definindo-o como lúgubre, um termo que está associado à morte. Canguilhem (1943, 2009) aponta que a doença difere da saúde, e o patológico, do normal, como uma qualidade difere de outra, quer pela presença ou ausência de um princípio definido, quer pela reestruturação da totalidade orgânica, isto é, em uma sociedade tomada pela ordem e pela normalidade, qualquer diferença se evidencia como algo relacionado ao estranho, ao patológico, logo, os personagens o definem como uma pessoa morta, sem vida, cabendo-lhe tomar *soma*, medicalizar-se.

Já no segundo trecho, o termo lúgubre adquire outro sentido quando associado aos sentimentos lúgubres, estes, indicam ou inspiram a tristeza, sendo assim, trata-se de uma expressão comum que circula no imaginário social e que orienta práticas e valores de uma sociedade que usa medicamentos como forma de curar, ou de cessar o sofrimento e desconforto vivenciado. De acordo com Freitas e Amarante (2017), esse processo ocorre a partir de uma perda de autonomia dos sujeitos, ao qual morte, dor e doença são experiências que fazem parte da existência humana. Para enfrentá-las, as sociedades desenvolveram meios para ajudar as pessoas a suportar essas difíceis questões da vida (FREITAS; AMARANTE, 2017).

Partindo de um ponto de vista psicossocial, essa forma de lidar com o sofrimento psíquico é a qual a Reforma Psiquiátrica busca combater nos modelos de cuidado em Saúde Mental, que visam a desinstitucionalização do sofrimento psíquico, a partir da prática em liberdade e do trabalho psicossocial como crítica aos modelos biomédicos da Psiquiatria. A partir de 1970, as Associações de Saúde Mental, profissionais da área, usuários, familiares, artistas, ativistas e militantes, passaram a reivindicar um novo lugar social para o sofrimento psíquico, também chamado de loucura, havendo uma grande movimentação para a crítica à medicalização da vida cotidiana e propondo abordagens alternativas em saúde mental (AMARANTE; NUNES, 2018).

No decorrer da narrativa, ao perceber os posicionamentos adotados pelos personagens, notamos que a maioria deles age em conformidade com a ideologia do corpo social, que possui valores e normas orientadas pelo princípio da comunidade, identidade e estabilidade. Vivem em sociedade a partir de um poder estatal que se coloca muito maior do que os indivíduos, sem

que eles possuam nenhuma agência, de modo que, é preciso o estabelecimento de uma garantia que ninguém possa se “desviar” do que as instituições pregam, nesse sentido, a medicalização é uma forma de garantir que os sujeitos sejam “docilizados” pelo sistema vigente.

O conceito de ideologia, categoria importante para a compreensão de discurso por Pêcheux, se configura como um elemento complexo e que é amplamente discutido na Ciências Sociais, nesse sentido, Thompsom (1995) aponta que estudar a ideologia é levar em consideração as maneiras como o sentido serve para estabelecer e sustentar relações de dominação. Para fazer uma análise ideológica, o autor considera:

Poder é entendido como capacidade conferida às pessoas social ou institucionalmente; dominação ocorre quando há relações de poder estabelecidas sistematicamente de maneira assimétrica, ou seja, “quando grupos particulares de agentes possuem poder de uma maneira permanente, e em grau significativo, permanecendo inacessível a outros agentes, ou a grupos de agentes...” (THOMPSON, 1995, p.80)

(...) O mundo agora é estável. As pessoas são felizes, têm o que desejam e nunca desejam o que não podem ter. Sentem-se bem, estão em segurança; nunca adoecem; não têm medo da morte; vivem na ditosa ignorância da paixão e da velhice; não se acham sobrecarregadas de pais e mães; não têm esposas, nem filhos, nem amantes por quem possam sofrer emoções violentas; são condicionadas de tal modo que praticamente não podem deixar de se portar como devem. E se, por acaso, alguma coisa andar mal, há o soma. (p. 264)

No trecho acima, uma das autoridades máximas, o administrador mundial, Mustafá Mond, descreve as façanhas do mundo novo, como formas de garantir a estabilidade e consequentemente uma felicidade que se põe realizável para todos os indivíduos que se encontram nesse corpo social, a forma de tornar isso possível, é através do avanço científico e das práticas médicas, sendo assim, a medicalização atua como um dispositivo de controle social, Zola (1972) aponta que historicamente, a medicina pouco a pouco se transforma em uma instituição de controle social, tomando o lugar que tradicionalmente havia sido ocupado pela religião e pela lei.

## 6.2 Concepções sobre saúde e doença

Os discursos em torno da saúde e da doença na narrativa, são elementos relevantes para a compreensão do que se entende como algo passível de ser medicalizado, Freitas e Amarante (2017) sinalizam a necessidade de se demarcar o que é doença do que não é, como requisito para entender a dimensão da medicalização e criar condições para a própria desmedicalização. Para ilustrar essa discussão, destacamos o trecho a seguir, onde Fanny conversa com Lenina no vestiário fazendo referência à série de hormônios e medicamentos que ela faz uso no seu cotidiano.

— Já faz algum tempo que não venho me sentindo bem — explicou Fanny. — O dr. Wells me aconselhou a tomar um Sucedâneo de Gravidez. — Mas, querida, você tem apenas dezenove anos de idade. O primeiro Sucedâneo de Gravidez não é obrigatório senão aos vinte e um anos. — Sei disso, querida. Mas há pessoas que se sentem melhor começando mais cedo. O dr. Wells me disse que as morenas de quadris largos, como eu, deveriam tomar seu primeiro Sucedâneo de Gravidez aos dezessete anos. De modo que, na realidade, eu estou atrasada



dois anos, e não adiantada. Abriu a porta de seu pequeno armário e apontou para a fileira de caixas e vidros rotulados que se alinhavam na prateleira de cima. — Xarope de Corpo Amarelo — Lenina leu os nomes em voz alta. — Ovarina garantida fresca: não deve ser usada além de 1o de agosto de 632 d.F. Extrato de glândula mamária: tomar três vezes ao dia, antes das refeições, com um pouco de água. Placentina: em injeções intravenosas de 5 cc de três em três dias... Ufa! — fez Lenina, arrepiada. — Como detesto injeções intravenosas! E você? — Eu também. Mas quando elas fazem bem à gente...(p.59-60)

Ao dizer para outra pessoa que não se sente bem, Fanny associa o fato à necessidade de tomar um medicamento hormonal, e que o seu uso deve ser iniciado precocemente, Pombo (2017) afirma que, na medida em que se empenham em fazer existir doenças para criar o mercado para as drogas que supostamente as curam, a indústria farmacêutica usa táticas que envolvem tanto promover, mudar ou expandir a definição de uma desordem, sugerindo a sua utilização para o aprimoramento de performance. Fanny se defende do que Lenina diz sobre ela não precisar tomar ainda o sucedâneo de gravidez, como forma de preservar seu uso aplicado à performance. No fim do trecho, Fanny diz que detesta as injeções intravenosas, mas Lenina logo se contrapõe, de uma forma que mesmo desaprovando algumas técnicas, elas valem o esforço, pois fazem bem, sendo assim, percebe-se que existe um imperativo social da medicalização que opera a partir de uma "hiper patologização" de processos biológicos, psicológicos e sociais.

A doença aparece na narrativa, a partir de uma dualidade entre civilização e selvageria. Na Reserva dos Selvagens, Linda e o próprio John são descritos como figuras repudiáveis, pelo fato de indicarem um atraso ao qual o mundo civilizado já não tem mais contato, por isso o espanto. O discurso sobre o avanço da ciência coloca em questão o endosso da medicina em práticas que até então, não eram de seu domínio, sendo assim, ao se deparar com uma outra realidade, Bernard e Lenina não compreendem o que é a doença e como as pessoas doentes aparentam ser.

— Desmaiei depois de algum tempo — disse o jovem. — Caí para a frente. Vê a marca do corte que fiz?

— E afastou da testa a espessa cabeleira loura. A cicatriz era visível, pálida e enrugada, na têmpora direita. Bernard olhou-a e depois, vivamente, com um pequeno arpeio, desviou o olhar. Seu condicionamento o inclinava menos à piedade que a uma profunda repugnância. A simples alusão a doenças ou a ferimentos era, para ele, não somente uma coisa apavorante, como, sobretudo, um tanto desagradável e até repulsiva. Tal como a sujeira, a deformidade, a velhice. Mudou apressadamente de assunto. (p.169-170)

(...) Não é de admirar que esses pobres pré-modernos fossem loucos, perversos e infelizes. Seu mundo não lhes permitia aceitar as coisas naturalmente, não os deixava ser sádios de espírito, virtuosos, felizes. Com suas mães e seus amantes; com suas proibições, para as quais não estavam condicionados; com suas tentações e seus remorsos solitários; com todas as suas doenças e intermináveis dores que os isolavam; com suas incertezas e sua pobreza — eram forçados a sentir as coisas intensamente. (p.63)

Nos trechos acima, percebe-se uma dificuldade de lidar com a doença, que é colocada no mesmo lugar que a infelicidade, a pobreza, e o atraso da civilização. Canguilhem (1943, 2009) aborda alguns aspectos do adoecer enquanto uma condição que não remete à ausência de

uma norma, pois a doença ainda se configura como uma norma de vida, no entanto, uma norma inferior, no sentido que não tolera nenhum desvio das condições em que é válida, por ser incapaz de se transformar em outra norma. O autor aponta que o estado de normalidade de um indivíduo é definido quando ele se insere em um comportamento privilegiado, isto é, de reações privilegiadas, no qual o ser vivo responde melhor às exigências de seu ambiente, vive em harmonia com seu meio, comportando dentro da ordem e estabilidade, com menos hesitação, desordem e reações catastróficas. Já a doença surge quando o organismo é modificado de tal modo que chega a reações catastróficas no meio que lhe é próprio (CANGUILHEM, 1943, 2009).

Apesar de não sentir nada intensamente, por vezes, os cidadãos civilizados se deparam com eventos que os fazem sair de uma manipulação emocional artificial, com os hormônios e sucedâneos, e passam a sentir os processos da vida de uma forma natural, embora não se deem conta disso. No trecho a seguir Henry tenta chamar Lenina para sair, mas ela está apaixonada pelo Selvagem, algo abominável na ordem social desta civilização, que rejeita ideais da monogamia e dos relacionamentos de uma forma amorosa.

(...) Henry percebeu a fadiga naqueles olhos roxos, a palidez sob aquele verniz de lupo, a tristeza nos cantos dos lábios carmesins que não sorriam.

— Você não está doente, não é? — perguntou um pouco inquieto, temendo que ela estivesse afetada por uma das poucas moléstias contagiosas que ainda subsistiam.

Mais uma vez, Lenina fez que não com a cabeça.

— Em todo caso, você devia ir ao médico — disse Henry. — “Um médico por dia dá vigor e alegria” — acrescentou efusivamente, dando-lhe uma palmada no ombro para acentuar bem o adágio hipnopédico.

— Quem sabe se você não está precisando de um Sucedâneo de Gravidez — sugeriu.

— Ou talvez de um tratamento de Sucedâneo de Paixão Violenta extraforte.

Às vezes, você sabe, o Sucedâneo normal não é... (p.225-226)

No trecho acima, a fadiga, o lupo e a tristeza são emoções questionadas por Henry ao passo que são levadas a uma compreensão de doença, de modo que o incentivo para ir ao médico demonstra a necessidade de abrir espaço para a saúde a partir de emoções consideradas repudiáveis, Furedi (2004) ao criar o conceito de cultura terapêutica, tem a finalidade de definir a cultura contemporânea na qual as experiências individuais e os acontecimentos do mundo aos quais são interpretados, passam a ganhar sentido e valor a partir de um script emocional, a saber, a linguagem terapêutica. Sendo assim, é benéfico para as práticas de medicalização que exista um sujeito doente, e ele ocupe um papel social, Parsons (1951) já chamava a atenção para o fato de existirem papéis para o doente que se encontram culturalmente disponíveis na sociedade e que funcionam para legitimar o desvio da norma que a doença evidencia, ao mesmo tempo que têm a função de abrir caminhos para a relação reintegradora médico-paciente.

### **6.3 Problemas de ordem social postos sob o domínio da medicalização (o campo da medicina)**

Na construção do mundo civilizado, para que haja a estabilidade social, uma de suas características é não permitir que as pessoas sofram emoções intensas e nem se sintam diferentes uma das outras. Dado o desenvolvimento do personagem Bernard Marx, por se sentir diferente, ele passa a adotar posturas mais subversivas, com relação ao controle da organização

social, se movimentando para pensar livremente e levantando hipóteses de como seria se ele fosse livre.

- Sim: “Todos são felizes agora”. Nós começamos a dar isso às crianças a partir dos cinco anos. Mas você não deseja ter liberdade para ser feliz de algum outro modo, Lenina? De um modo pessoal, por exemplo, e não como os outros?
- Não sei o que você quer dizer — repetiu Lenina. Depois, voltando-se para ele, suplicou: — Oh, Bernard, vamos voltar. Como eu detesto estar aqui!
- Não gosta de estar comigo?
- Claro que sim, Bernard! É este lugar horrroso.
- Achei que estaríamos mais... mais juntos aqui, sem nada além do mar e da lua Mais juntos do que na multidão, ou mesmo do que em minha casa. Você não compreende isso?
- Não, eu não compreendo nada — respondeu ela com decisão, disposta a conservar sua incompreensão intata.
- Nada. E o que eu compreendo ainda menos que tudo — continuou em outro tom é por que você não toma soma quando tem essas ideias horríveis. Você as esqueceria completamente. E, em vez de se sentir infeliz, ficaria alegre. Sim, muito alegre — repetiu, e, apesar de todo o tormento que transparecia em seus olhos, sorriu com um ar que ela procurava tornar convidativo e voluptuoso. (p.117-118)

No trecho acima, o exercício de ideias que subvertem a ordem da sociedade, assumem o caráter de ameaça aos indivíduos, o livre pensamento é um problema social transposto para o campo da saúde, sendo assim, Lenina defende que essas ideias horríveis causam infelicidade, portanto, ele deve tomar *soma*. Essa droga, nesse contexto, é atribuída como um dispositivo inserido em uma modalidade de controle e de regulação social dos corpos pela normalização das individualidades (ZORZANELLI, CRUZ, 2018). É nesse sentido, que podemos fazer um paralelo com as proposições de Foucault (1984) sobre os conceitos de biopolítica e biopoder, pois a ligação entre vida e governabilidade passam a ser indissociáveis. Ele sinaliza a importância estratégica assumida pela medicalização da vida na constituição e no desenvolvimento da biopolítica, sobretudo no que diz respeito à relação entre a saúde e a produção de si mesmo.

Com os discursos que remetem à processos de saúde e doença e a linguagem adquirindo um vocabulário mais próximo do desejo pela saúde, sendo assim, não é mais preciso que os sujeitos tragam queixas de sintomas como ocorria usualmente, mas que nas suas falas que remetem às crenças, valores sejam inseridos numa sintomatologia da vida cotidiana. A medicina adquire, assim, o direito de determinar como se deve trabalhar, dormir, se divertir, comer, fazer amor. E de estabelecer também o modo como se deve pensar, sonhar, envelhecer, desejar etc. (FREITAS; AMARANTE, 2017). No trecho a seguir, a velhice é não somente demonizada, como o ideal que Bernard e Lenina têm de velhice é aquela do mundo civilizado, ao qual, mesmo velhos, não se permite envelhecer, por meio de vários procedimentos que garantem uma juventude eterna.

O corpo era curvado e tão magro que parecia quase não ter mais carne sobre os ossos. Muito devagar ele descia, parando em cada degrau antes de arriscar outro passo.

— O que é que ele tem? — sussurrou Lenina. Estava com os olhos arregalados de horror e espanto.

— Ele é velho, simplesmente — respondeu Bernard, com toda a indiferença que lhe foi possível aparentar. Estava também sobressaltado, mas fez um esforço para se mostrar imperturbável.

— Velho? — repetiu ela. — Mas o Diretor é velho, e há uma porção de gente que é velha, e no entanto não são assim.

— É porque não deixamos que fiquem assim. Nós os preservamos de doenças, mantemos artificialmente as secreções internas no nível de equilíbrio da juventude. Não deixamos cair a taxa de magnésio e cálcio abaixo do que era aos trinta anos. Fazemos transfusões de sangue jovem. Mantemos o metabolismo estimulado permanentemente. Por isso, sem dúvida, eles não têm esse aspecto. Em parte — acrescentou — também porque a maioria morre antes de atingir a idade daquele velho. A juventude quase intata até os sessenta anos, e depois, zás!, o fim. (p.138-139)

Diante do exposto, na narrativa, o envelhecimento como construção social é tutelado pela medicina. Nessa perspectiva, Powell (2001 apud AUGUSTO, 2018) afirma que existe uma descrição de práticas e políticas preconceituosas em relação à idade que derivam de pensar o envelhecimento como um problema médico, é um aspecto que tem sido analisado pelas consequências de reduzir a experiência social do envelhecimento às suas dimensões biológicas e medicalizantes, associadas a estádios normativos, que homogeneizam e determinam a experiência deste (AUGUSTO, 2018).

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, investigamos a temática da medicalização enquanto um fenômeno que abarca diferentes campos de compreensão, a Saúde, as Ciências Sociais e a Sociologia. A partir da perspectiva teórico-metodológica da AD francesa, ao analisar os efeitos de sentido produzidos, notamos a legitimidade que possui o discurso científico e médico enquanto dispositivos de poder que ditam o que é saudável ou prejudicial à saúde, o que é normal ou patológico, especialmente quando passam a ocupar um lugar de destaque nas enunciações e práticas da vida cotidiana. Sendo assim, percebemos que a aliança feita entre medicina e indústria farmacêutica se dá a partir de um jogo entre lucro e adoecimento.

A utilização de uma obra literária foi uma ferramenta importante para que houvesse o exercício de tecer críticas a um mundo que paradoxalmente parece muito distante, mas também muito próximo. Seu uso como material de análise deveu-se ao fato de deixar-se afetar pela história construída e pelo meu processo enquanto estudante de Psicologia. Essas narrativas não ilustram apenas a construção de elementos ficcionais, mas uma forma de elaborar universos e formas de viver distantes, que servem para colocar em questão o mundo social no presente, refletindo sobre o que acontece na atualidade e abrindo possibilidades de transformação. A partir dos personagens Bernard Marx e John, notamos exemplos de posicionamentos que encontram caminhos alternativos para o exercício de um pensamento crítico que resiste às formas de controle.

Problematizar o conceito de medicalização não é uma tarefa fácil, especialmente por envolver várias áreas e saberes que estabelecem uma grande interlocução entre si, e atos que são, por muitas vezes sutis, nas políticas públicas de saúde, e em especial de saúde mental. Percebemos que as formas de traçar estratégias para o sofrimento (psíquico) se fragilizaram devido a forma como opera um modelo neoliberal que individualiza o sofrimento, e faz os sujeitos perderem sua autonomia, assim como provoca processos de adoecimento que são da ordem do funcionamento da estrutura social, pondo em evidência o uso de medicamentos como

forma de solucionar todos os problemas. Esperamos ter contribuído com a discussão do tema, para que a partir dele seja possível estabelecer novas compreensões acerca da saúde e da doença, assim como práticas “desmedicalizantes” sejam incorporadas por parte dos profissionais.

## REFERÊNCIAS

AUGUSTO, Amélia et al. Biomedicalização do envelhecimento: suas consequências pessoais e sociais. 2018.

BRASIL, L. L. Michel Pêcheux e a Teoria da Análise do Discurso: Desdobramentos Importantes Para a Compreensão de uma Tipologia Discursiva.. *Linguagem: Estudos e Pesquisas*, Goiânia, v. 15, n. 1, 2014.

CANGUILHEM, G. O normal e o patológico (6. ed.). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. (Original publicado em 1943)

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso (3. ed.). São Paulo, SP: Loyola, 1996 (Original publicado em 1971).

\_\_\_\_\_, Michel. A arqueologia do saber. (6. ed.). Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, 2000 (Original publicado em 1969)

\_\_\_\_\_, Michel. A política da saúde no século XVIII. In: Machado R, organizador. *Microfísica do poder*. São Paulo: Graal; 1984. p. 193-208.

\_\_\_\_\_, Michel. História da sexualidade I: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal; 1988.

FREITAS, Fernando; AMARANTE, Paulo. Medicalização em psiquiatria. SciELO-Editora FIOCRUZ, 2017.

FUREDI, Frank. *Therapy culture: Cultivating vulnerability in an uncertain age*. London: Routledge, 2004.

GILL, Rosalind. Análise do discurso. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (ed.) *Pesquisa quantitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2002.

HENGE, Glaucia da Silva. Texto e interpretação: aproximações entre análise do discurso e literatura. *Interletras. Mato Grosso do Sul*, v. 3, n. 20, p. 1-9, 2014.

HILÁRIO, Leomir Cardoso. Teoria crítica e literatura: a distopia como ferramenta de análise radical da modernidade. *Anuário de literatura: Publicação do Curso de Pós-Graduação em Letras, Literatura Brasileira e Teoria Literária*, v. 18, n. 2, p. 201-215, 2013.

HUXLEY, Aldous. *Admirável Mundo Novo*. Rio de Janeiro: Globo, 1932.

MÉLLO, Ricardo Pimentel et al. Construcionismo, práticas discursivas e possibilidades de pesquisa em psicologia social. *Psicologia & sociedade*, v. 19, p. 26-32, 2007.

PARSONS, Talcott. Illness and the role of the physician: a sociological perspective. *American Journal of orthopsychiatry*, v. 21, n. 3, p. 452, 1951.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1988.

POMBO, Mariana Ferreira. Medicalização do sofrimento na cultura terapêutica: vulnerabilidade e normalidade inalcançável. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde*, v. 11, n. 1, 2017.

POTTER, Jonathan; WETHERELL, Margaret. *Discourse and social psychology: Beyond attitudes and behaviour*. Sage, 1987.

RASERA, Emerson F.. A Psicologia Discursiva nos estudos em Psicologia Social e Saúde. *Estud. pesqui. psicol.*, Rio de Janeiro , v. 13, n. 3, p. 815-834, dez. 2013.

THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995, 427 p.

ZOLA, Irving Kenneth. Medicine as an institution of social control. *The sociological review*, v. 20, n. 4, p. 487-504, 1972.

ZORZANELLI, Rafaela Teixeira; CRUZ, Murilo Galvão Amancio. O conceito de medicalização em Michel Foucault na década de 1970. *Interface-Comunicação, Saúde*, 2018.

## Agradecimentos

Aos meus grandes amigos Almir Crispiniano, João Vitor, Darcy Romão, Brunna Leite, Yvnni Medeiros, Maria Eduarda Leão, Maria Tereza Aires, Lisa David e Arthur Marcell, pela compreensão, presença constante, e por tornarem a caminhada mais fácil de ser enfrentada.

Às professoras do curso de Psicologia, Josevânia da Silva, Thelma Veloso e Ana Cristina Loureiro, representando todo o corpo docente e funcionários da UEPB, pelo ensino crítico e pelo enriquecimento concedidos como pessoa e futuro profissional.

À minha orientadora, professora Pâmela Gonzaga, pela solicitude, contribuição, partilha e paciência na elaboração deste trabalho.

Aos professores que aceitaram compor a banca, Edivan Gonçalves e Josevânia da Silva pelo zelo e contribuições dadas para o refinamento do trabalho.

Em nome da minha família, agradeço às minhas tias Joseia Albuquerque (*in memoriam*), Márcia Pereira e Maria Albuquerque pela inspiração acadêmica e profissional.

Aos meus irmãos, Túlio e Bruno, por me oferecerem apoio e por serem inspirações através de seus esforços e conquistas. Ao meu pai, José Dias, pelo zelo e importância dados aos meus estudos.

À minha mãe, Fátima, pelo apoio incondicional, cuidado, incentivo e pelas renúncias feitas para que eu pudesse seguir no caminho que busquei percorrer.

À Deus, pelo amor nas coisas que criou.